

Cecilia Salles em ação: refletindo sobre os documentos processuais de uma teoria da criação

Camila Mangueira¹

Resumo

O artigo realiza de maneira inaugural um levantamento de documentos processuais de Cecilia Salles produzidos no desenvolvimento de sua tese sobre o processo de criação de Ignácio de Loyola Brandão, em meados 1986. Com base nesses materiais, discutimos alguns aspectos e métodos empregados pela pensadora ainda em formação, quando lidava com o desafio de desenvolver uma leitura processual dos arquivos do escritor e estabelecer pontes teóricas com a Semiótica de C. S. Peirce e a Crítica Genética. As reflexões contemplam a verificação de elementos e conteúdos específicos nos documentos, como as folhas de cópia à mão e em xerox, com visibilidade da sua dinâmica e da multiplicidade de locais de trabalho. O artigo ainda contempla a oportunidade de diálogo reflexivo contemporâneo com Cecilia na revisitação dos próprios documentos, revelando novas escolhas e características potenciais. Através deste estudo, procuramos valorizar o arquivo da teórica, lançando luzes sobre os caminhos dos que desejam seguir nos estudos processuais.

Palavras-chave: documento processual; crítica de processo; Teoria da criação; Cecilia Salles.

Abstract

The article presents an investigation of Cecilia Salles' documents of processes produced during the development of her thesis on Ignácio de Loyola Brandão's creative process in mid-1986. Through these materials, we discuss some of the aspects and methods employed by the thinker while still in training when dealing with the challenge of developing a procedural reading of the writer's archives and establishing theoretical bridges with C. S. Peirce's Semiotics and Genetic Criticism. The reflections include verifying specific elements and contents in the documents, such as hand-copied and xeroxed sheets, with visibility of their dynamics and the diversity of workplaces. The article also contemplates the opportunity for contemporary reflective dialogue with Cecilia in revisiting her documents,

¹ Doutora em Comunicação e Semiótica, PUC-SP, Brasil. Investigadora Integrada do Instituto em Arte, Design e Sociedade da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e integrante do Grupo de Estudos em Processos de Criação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. <camilasoares@fba.up.pt>

manuscritica

revealing new choices and potential characteristics. Through this study, we seek to valorise the theorist's archive, shedding light on the paths of those who wish to pursue procedural studies.

Keywords: document of process; process criticism; Theory of creation; Cecilia Salles.

Introdução

Um dossiê especial dedicado aos 30 anos do trabalho de Cecilia Salles é oportunidade única para uma celebração reflexiva sobre alguns dos seus métodos de trabalho e percursos de desenvolvimento de uma teoria da criação. A partir do levantamento inicial de documentos processuais da pensadora, produzidos durante o desenvolvimento de sua tese² sobre o processo de criação de Ignácio de Loyola Brandão, em meados 1986, procuramos lançar algumas luzes sobre os caminhos da teórica ainda em formação. Isto é, quando lidava com o desafio de desenvolver uma leitura processual dos arquivos do escritor e estabelecer pontes teóricas com a Semiótica de C. S. Peirce e a Crítica Genética. A partir disso, a ideia é mostrar um pouco da multiplicidade dos seus locais trabalho, como também, das materialidades que criou. Tal intuito admite mais ressonância na medida em que é feito em diálogo contemporâneo com Cecilia, de maneira a provocar o seu acompanhamento reflexivo em revisitação e partilha dos próprios arquivos. Esta possibilidade, por sua vez, propiciou gerar uma nova documentação, nomeadamente fotografias, transcrições, vídeos e correspondências digitais, as quais também alimentarão o corpo e a discussão deste artigo. Daí, destacamos o caráter experimental deste estudo, desenhado com base no exame dos documentos da época em diálogo atual com a pensadora. A intenção dessa proposta, portanto, não é a de esgotar a discussão provocada pelos materiais de Cecilia, mas dar a conhecer a sua existência com abertura para o encontro entre momentos distintos do seu percurso: em curso de construção de sua teoria e diante do próprio arquivo processual.

A escolha pelo “nós”

Ao longo desses mais de 15 anos de diálogo com Cecilia, sempre admirei a sua capacidade discursiva aliada ao gesto de escrever. Fossem nas reuniões de orientação ou nos encontros do Grupo de Estudos em Processos de Criação³, vislumbrava a presença dos cadernos e canetas sob a mesa e o seu hábito incessante de anotar e fazer pequenos esquemas enquanto falava. Sabia ali, que estava diante do trabalho diretamente no papel, isto é, quando a performance das ideias ganhava forma em constante feedback com a materialidade. Diante deste mecanismo do pensamento em ação, perguntava-me sobre a riqueza dessa materialidade para pensar os caminhos da leitura e escrita pelos quais os conceitos processuais ganhavam forma. Afinal, estávamos também a escrever e a ocupar espaços em assimilação das ideias, o que, numa certa medida, nos tornava interlocutores desse tipo especial de produção.

2 SALLES, CECILIA. **Uma criação em processo: Ignácio de Loyola Brandão e “Não Verás País Nenhum”**. 1990, 253 páginas. Tese (Doutorado em Ciências – Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1990. Disponível em <<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/13991>>.

3 O grupo integra o programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP sob a coordenação de Cecilia Salles. O registro como “Grupo de Estudos”, feito em 1993, surge em resposta às inquietações dos estudantes e de Salles sobre “os rumos que as pesquisas tomaram e às restrições à denominação crítica genética”. SALLES, CECILIA. **Da crítica genética à crítica de processo: uma linha de pesquisa em expansão**. In *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, n. 20/2, p. 41-52, Ago. 2017.

Ao indagar Cecilia sobre a possibilidade de escrever sobre seus arquivos pessoais, obtive retorno generoso seguido de diálogo implicado⁴. Isso principalmente porque houve de sua parte um trabalho espontâneo de escolha e registro digital dos documentos. O ato de fotografar os próprios documentos físicos no sentido de partilha admite significado, uma vez que é gesto novo para Cecilia e, ao mesmo tempo, que reposiciona esses documentos em versões contemporâneas. Dessa forma, é importante ressaltar que o acesso inicial aos seus arquivos só foi possível através de encontros online e diálogos nos meios digitais⁵. Tal condição, antes de ser limitadora, foi oportunidade para um estudo-feitura de documentos da criação sem perder de vista a rede de vozes, materiais, técnicas e mídias constituintes dos “nós” deste processo. Considerando os meus anos de prática reflexiva no contexto dos processos de criação e movida pela memória afetiva dos cadernos e do gesto de escrever de Cecilia, recorro aos “nós” da formulação teórica expressos nos documentos e na ação incessante de nossa leitura crítica.

As sete folhas de papel sulfite, escritas à mão

Dentre os primeiros conteúdos encontrados por Cecilia nos seus arquivos, estão sete folhas de papel sulfite escritas à mão por ela em 1986, identificadas como “Foto 1” (1 folha, frente e verso), “Lembrete I” (2 folhas, frente e verso), “Necessidade de Pesquisa” (1 folha, frente e verso), “O Leitor” (1 folha, frente e verso), “Aspecto Lúdico” (1 folha, frente e verso), “Apocalipse” (1 folha, frente e verso) (Fig. 1). Nessas folhas, estão trechos copiados literalmente da documentação de Loyola, dentre eles os seus Diário de Trabalho (DT) (Fig. 2), Diário Geral (nomeado por ela) e Anotações diversas.

4 No sentido de envolvimento do crítico processual com efeitos de geração de conhecimento. MANGUEIRA, CAMILA. **A criatividade do crítico de processo**: os bastidores da investigação processual. In: Arte em Tempos de Crise: Atas do Seminário Ibero-americano Poéticas da Criação. Seminário Ibero-americano sobre o Processo de Criação nas Artes, Vitória, pp. 41-46, 2018.

5 Nomeadamente a aplicação digital Whatsapp e a plataforma online de vídeo-conferência Zoom Colibri.

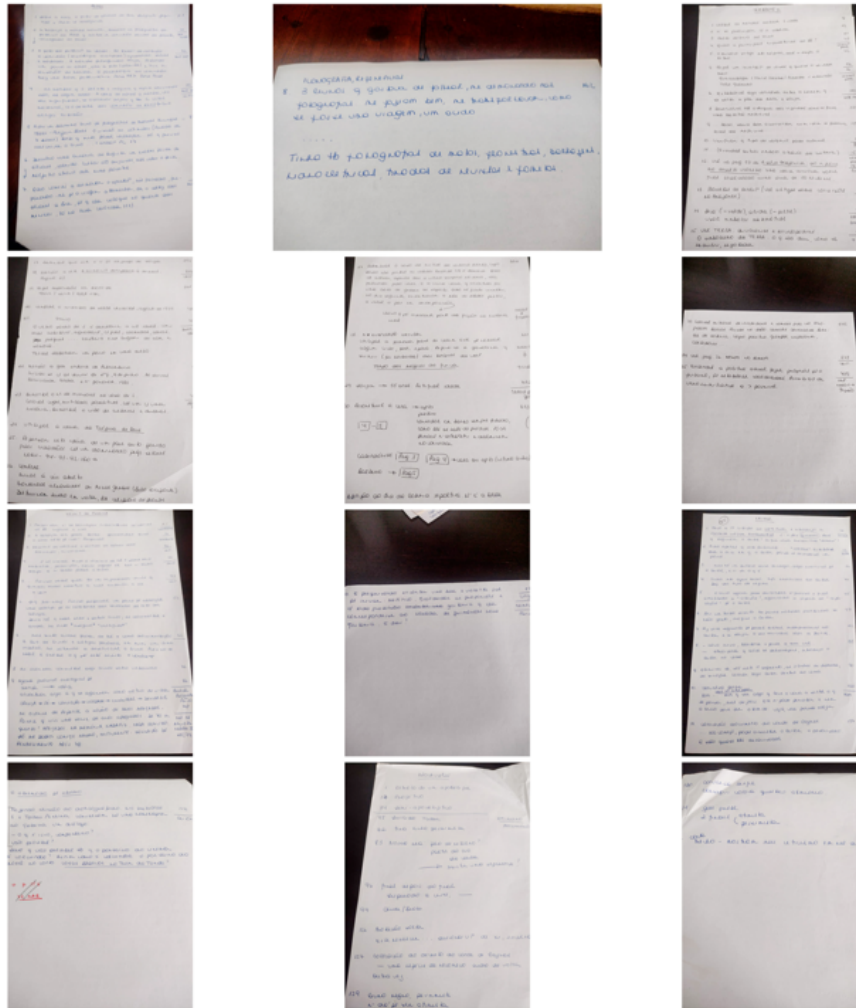


Fig. 1. As 12 fotografias produzidas e enviadas por Cecilia durante as conversas online em agosto e setembro de 2023. Montagem de imagens feita pela autora.

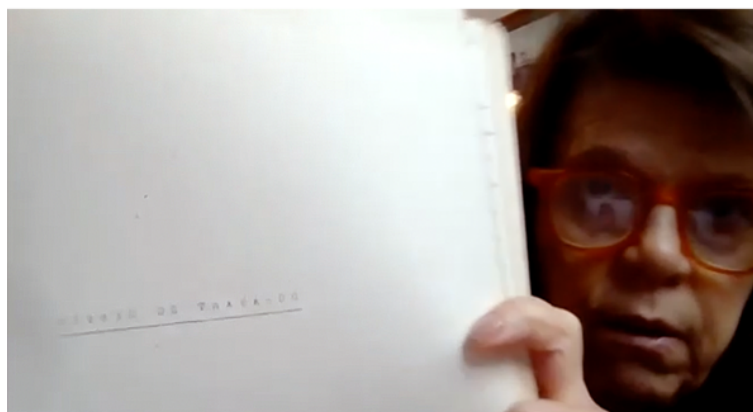


Fig.2. Cecilia mostra para a câmera a capa do material de Loyola com o nome datilografado pelo autor “Diário de Trabalho”. Captura de tela feita pela autora.

A existência dessas folhas é um interessante ponto de partida para percebermos um pouco do contexto de ações de Cecília. Especialmente quando teve que lidar pela primeira vez com uma vasta quantidade de material de diferentes procedências e momentos no sentido de uma pesquisa sobre criação. A necessidade de transcrever trechos de Loyola nos sugere um movimento de aproximação e apreensão do material com abertura às suas especificidades e modos de funcionamento.

Diante das sete folhas escolhidas e de outras mais encontradas nos seus arquivos, Cecília comenta: “...fiquei impressionada com o fato de eu ter copiado tudo que eu tinha selecionado do material bruto. Não lembrava disso. Tudo no mundo antes do computador. Comprei o primeiro em 1991, depois da defesa”⁶. Em seguida, ela acrescenta: “Sei que copiar sempre me fez me apropriar do texto do outro. Também no caso da teoria”⁷. Sabemos que há muitas formas que essa apropriação pode assumir, especialmente nos estudos sobre criação: desde uma conduta reflexiva em implicação com o objeto até os desenhos da estrutura e conteúdo das pesquisas. No entanto, nesse momento, nos interessa o seu sentido como recurso para lidar com a complexidade do movimento criador em Loyola.

Por trás do gesto deliberado de copiar à mão os trechos dos documentos estão as idas e vindas no material bruto do escritor com a realização de marcações e anotações. Estas possíveis através da produção de outro tipo de material: cópias mecânicas em xerocópia. Tal procedimento foi fundamental para compor o que ela considerou como “kits” das diferentes versões publicadas do livro para futura comparação e verificação de transformações do texto. A materialização desses “kits” revela para nós um dos métodos de observação minuciosa de Cecília do “gesto inacabado” do escritor na continuidade de suas ideias, indo, portanto, além do exame isolado das versões entregues ao público. Esse olhar para as ações transformadoras em Loyola incluía a relação entre os “kits” do livro e os diários e blocos, fazendo a ligação inaugural entre materialidades da obra e do processo no desenvolvimento do pensamento sobre criação.

Seja através da copia à mão ou do “copia e cola analógico”, trechos dos diários e dos livros de Loyola passam a migrar em diferentes suportes e vão admitindo diferentes funções na pesquisa sobre criação. Vale lembrar que, pela perspectiva desse trabalho processual, as cópias mecânicas admitiram particularidades de formatos, estéticas e informações únicas, como as marcações de Cecília (Fig. 3).

6 Comentário online escrito por Cecília realizado durante o envio das fotografias das folhas em 05 Ago. 2023.

7 Ibidem.

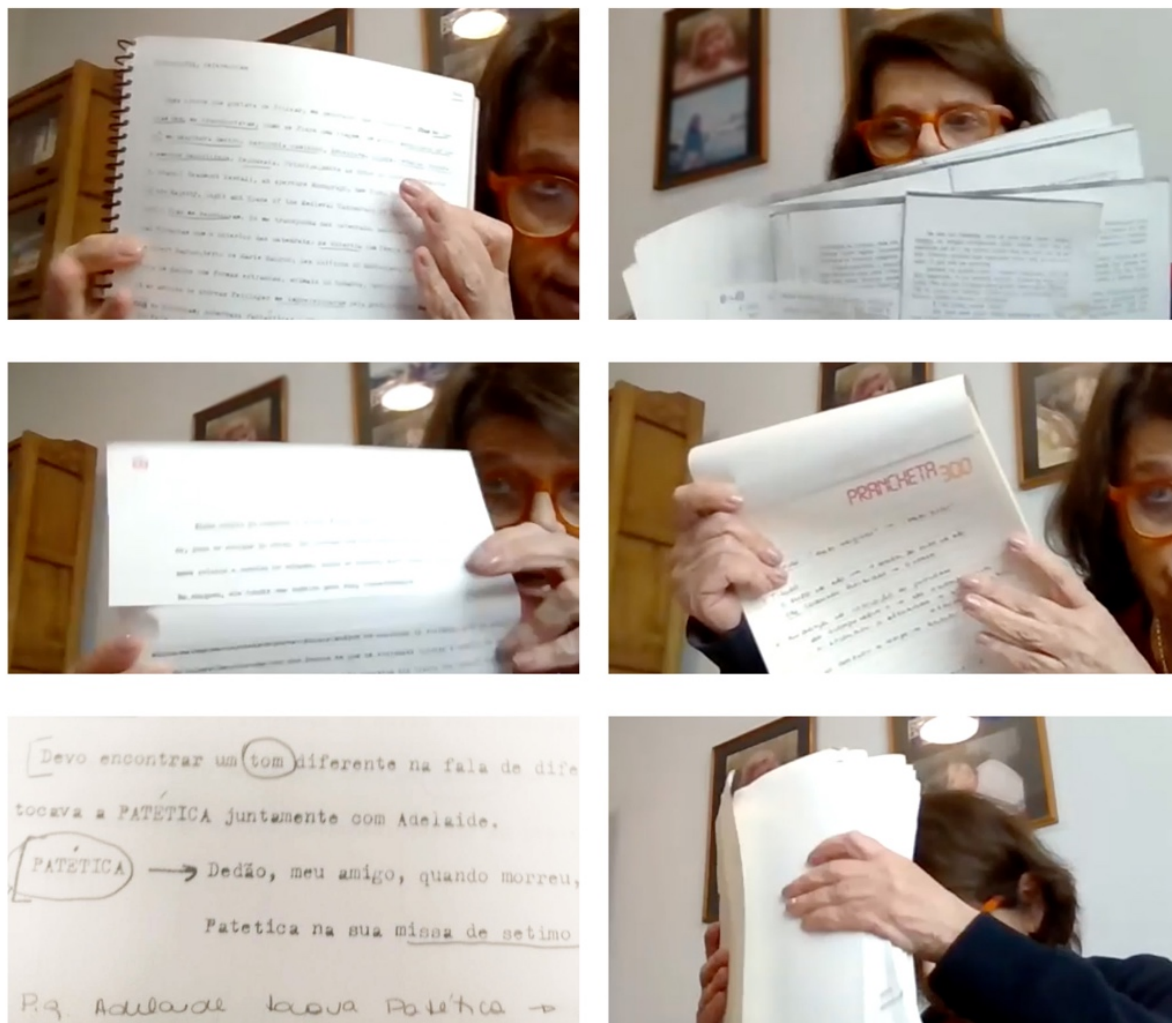


Fig. 3. Sequência de capturas de tela feita pela autora durante conversa por vídeo conferência com Cecilia em 07 Set. 2023. O conjunto contempla respectivamente: a autora a exhibir uma das folhas do DT de Loyola; suas cópias em xerocópia que compõem os kits de comparação de versões; uma das folhas com partes coladas de outros papéis, também para comparação de versões; um dos blocos com suas anotações sobre alterações e mudanças percebidas no texto de Loyola; um detalhe da xerocópia do original com suas anotações à mão; e um vislumbre performático de Cecilia com seu conjunto de folhas.

A ideia de cópia admite aqui um campo amplo de operações no sentido de novos documentos de estudo, consulta e articulação, isto sem comprometer o material original. Podemos visualizar sobre a mesa física de Cecilia um cenário diverso de pastas com papéis, recortes, canetas e folhas em constante ebulição. A essa visualização acrescentemos a presença de uma máquina de escrever semiautomática, utilizada por ela para fazer o “passar a limpo” das seleções e anotações finais, como também, o seu método de “cópia e cola analógico” sob outros formatos.

O conteúdo das folhas e elas próprias, conforme veremos a seguir, respondem a esse cenário de dinâmicas e escolhas de difícil delimitação, no entanto, interessa observá-lo como um espaço criativo e comunicativo de reunião e articulação dos conteúdos.

Mecanismo de leitura e escrita processual

A vasta quantidade de folhas criadas pela pensadora, no período da tese, revela para nós quando esse formato se tornou uma espécie de mecanismo detonador de leitura, organização e escrita sobre o processo criativo de Loyola, e que vai admitir recursividade mesmo após a conclusão da tese. Uma prova disso corresponde à ampla e detalhada discussão com base na transcrição de trechos e imagens dos documentos originais de Loyola em diferentes publicações da autora. Isto na medida em que ela avançava com a sua proposta teórica de Redes da Criação. Dentre as suas produções onde os documentos de Loyola foram explorados com mais detalhes, estão a sua tese⁸, artigos como “O Processo de criação de Não Verás País Nenhum”⁹ e o capítulo “O Processo de criação de Ignácio de Loyola Brandão” do livro Arquivos da Criação¹⁰.

No sentido de adentrarmos em especificidades das folhas com visibilidade do estilo e ações da pensadora, trazemos a seguir algumas análises das identificadas como “Lembrete I” (Fig. 4) e “Foto 1” (Fig. 5).

Análise processual das folhas

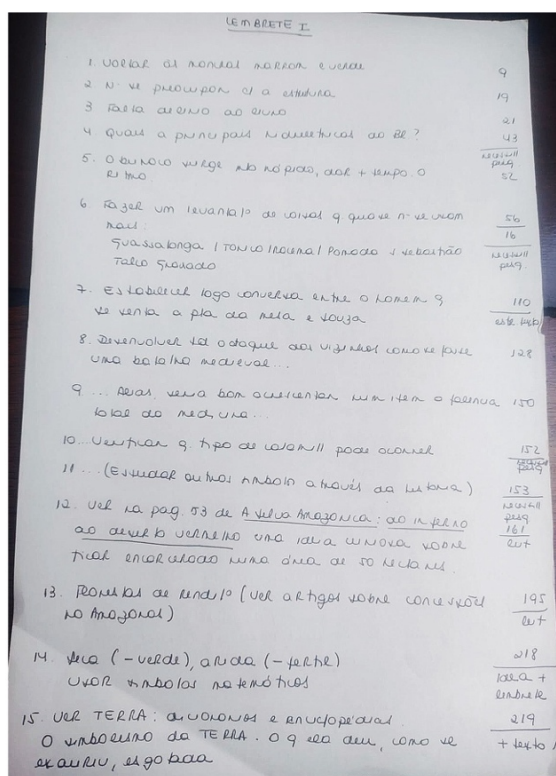


Fig. 4. Fotografia da folha “Lembrete I”, feita por Cecilia.

8 SALLES, 1990.

9 SALLES, CECILIA. O Processo de criação de Não Verás País Nenhum. In: Revista Eletrônica de Estudos Literários, Vitória, s. 1, a. 5, n. 5, 2009.

10 SALLES, CECILIA. Arquivos de criação: arte e curadoria. Vinhedo: Editora Horizonte, 2010.

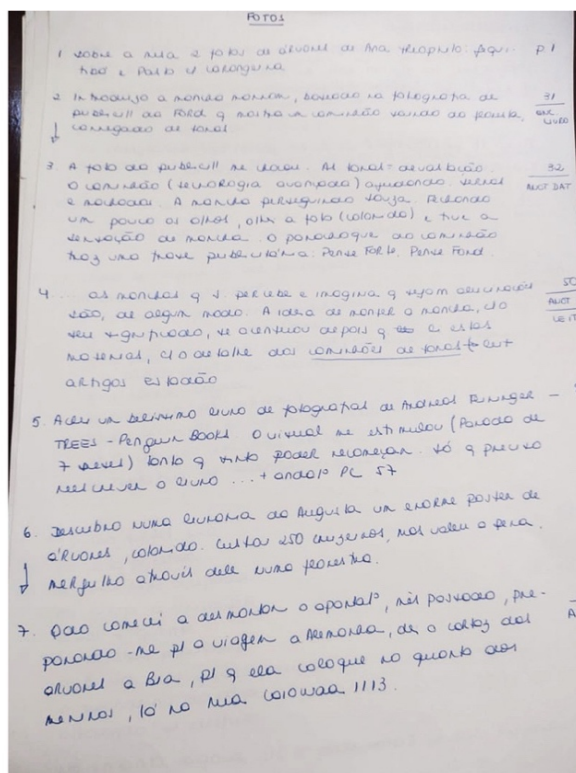


Fig. 5. Fotografia da folha “Foto 1”, feita por Cecilia.

Iniciemos com a discussão de alguns elementos que se repetem e admitem funções específicas nas e além das folhas. No topo, há o termo em destaque que confere enquadramento para um conjunto de trechos coletados no material bruto de Loyola. À esquerda de cada uma, está a sequência dada por ela de números para ordenação dos assuntos a partir de suas afinidades. Já à direita, estão os números das páginas presentes nos documentos do escritor para localização dos trechos e de suas notas nas cópias em xerox. Neste campo, ela também insere termos em continuidade ao trabalho de identificação de aspectos gerais da criação. Ao revisitar as folhas hoje, Cecilia observa que são nomes que ela passou em seguida a usar mesmo sem ter ainda uma relação direta com a teoria peirceana, a qual, no período, estava a assimilar. Termos como “necessidade de pesquisa” (Fig. 4) são até hoje utilizados por nós nos estudos sobre criação.

Nas folhas há também aspectos únicos que falam da estilística da pensadora em ação. O gesto de copiar à mão, movido pela intenção do “passar a limpo”, nos sugere sua predileção pela abreviação de algumas palavras, o uso de siglas e de elementos gráficos, gerando códigos específicos mais facilmente identificados por ela. Podemos considerar estes como movimentos de síntese, concentração e direção dos conteúdos. Nas linhas 6 e 10 de “Lembrete 1” (Fig. 4), por exemplo, temos abreviações como “levantamen|o” para levantamento e “calami||” para calamidade. Já no ponto 5 de “Fotografia 1” (Fig. 5) há o emprego da sigla PC para Processo Criativo e de setas de ligação entre o trecho 2 e 3, como também entre o 6 e 7. Esses são alguns dos casos que demonstram para nós quando o domínio dos padrões da língua em confluência com o da matéria textual em estudo admite liberdade expressiva no papel. Podemos considerar que são eles mesmos acordos e otimizações estabelecidas no percurso de trabalho de escrita. Vale pontuar que as folhas foram produzidas na época sem a intenção de serem anexadas à sua tese ou mesmo de serem um objeto de visualização pública, como trazemos nas imagens deste artigo.

Cada elemento na folha admite dinâmicas individuais e no conjunto de documentos. Os termos próximos aos números das páginas, por exemplo, são também responsáveis pela conexão entre diferentes folhas criadas pela pensadora, inclusive, muitas vezes, viravam o assunto principal noutra folha. Isso nos dá uma ideia sobre a vasta e dinâmica rede de relações construída por e através desses documentos, onde as interações entre os elementos internos excedem o próprio limite individual e material das folhas. Este fato é reforçado também pela escolha da teórica por manter as folhas soltas, destacando para nós a sua função móvel e articuladora necessária para um trabalho reflexivo que exigia constante disposição e rearranjo dos conteúdos. É importante mencionar que esse sistema de ligações pelos termos é continuamente explorado e implementado noutros trabalhos de Cecília, como em “Arquivos da Criação”¹¹.

A necessidade de nomear e numerar nos fala sobre o caráter de flexibilidade nos estudos sobre os processos de criação, ao não condicionar os objetos em classificações teóricas. Sobre a primeira, podemos tomar como exemplo a confluência de métodos partilhados entre Cecília e Loyola como o “passar a limpo”, a inserção de notas e a numeração. Cada qual dentro do seu propósito: ele no sentido de seus livros, e ela no de pesquisa sobre criação. Caracterizando, assim, momentos, documentos e produções diferentes. Para deixar isso mais claro, vejamos algumas distinções. O gesto de “passar a limpo” em Loyola é realizado com uso da máquina de escrever e incluía a inserção de anotações que tomava em datas posteriores a do diário. O autor também aplicava números às páginas do diário e utilizava a técnica de enumerar como estratégia para potencializar as ligações entre as ideias¹². Diferentemente da perspectiva do diário, a numeração no material da estudiosa, conforme vimos anteriormente, satisfaz regras e acordos que dizem respeito às questões e aos assuntos sobre criação. Com base nessa proximidade de ações no trabalho de ambos, podemos especular que, através das folhas, a pensadora testa e experimenta a técnica de enumeração de Loyola, criando assim, em articulação e apropriação dos trechos do autor, espécies de novas narrativas, aquelas que versam sobre o processual.

Essas aproximações entre os métodos servem-nos também como um importante indício de uma metodologia construída em diálogo e implicação com o objeto processual. A isso podemos acrescentar a segunda característica: a relação com as teorias. Ao criar o ambiente das folhas, Cecília desvia da tradição acadêmica de aplicação teórica direta aos objetos de estudo, optando por “ouvir o objeto” através do material que tinha em mãos e conferindo a ele termos direcionadores. Dessa maneira, consegue seguir com um estudo original sem aplicar classificações como as fornecidas na época pela semiótica peirceana. O que é observado também na sua relação com as metodologias da Crítica Genética, especialmente no que diz respeito ao estudo dos documentos de criação. Ao reordenar os trechos de Loyola numa sequência própria, a teórica vai além das tipologias do material e da cronologia, priorizando aspectos processuais, como os diálogos entre linguagens, que passariam despercebidos da outra forma. Aqui vale acrescentar a criação de folhas como “Foto 1”, que versam sobre o contexto da pesquisadora recém-chegada da Linguística, procurando ali formas de compreender e posicionar aspectos do “não-verbal”, sem se deixar cair em classificações pré-estabelecidas. Apesar disso, é importante mencionar que ambas as áreas da Semiótica e da Crítica Genética foram fundamentais,

¹¹ SALLES, 2010.

¹² Ibidem.

principalmente, para o aprimoramento do seu olhar para lidar com diferentes linguagens e documentos processuais, bem como propiciar abertura na época para o seu estudo original na academia.

O potencial do novo

Durante a revisitação das folhas para este artigo, especialmente de “Lembrete I” e “Foto 1”, Cecilia percebe novas oportunidades de ligação entre os termos e as numerações dadas por ela para desenvolver questões processuais. Situação esta em que coloca em ação o pensamento relacional através do sistema responsável pela própria produção do material, destacando para nós o caráter atual e o potencial heurístico dos seus documentos.

Para facilitar a apreensão do conteúdo escrito nas folhas e realizar a discussão sobre alguns pontos percebidos por nós, optamos por transcrever e dispor as versões ao lado das fotografias. Essa escolha, de certa forma, nos conduz ao seu gesto de “passar a limpo” na geração de um novo arquivo que acompanha as discussões processuais e, ao mesmo tempo, leva adiante as interpretações materiais dos documentos.

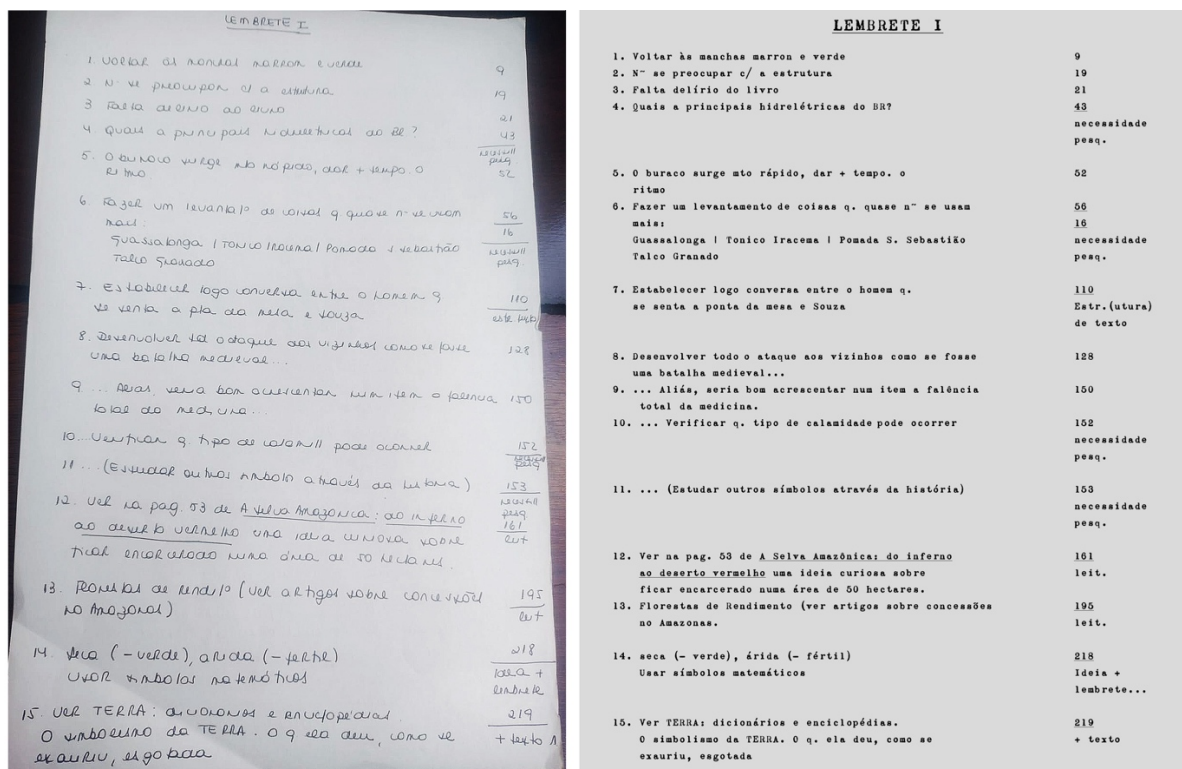


Fig. 6. À esq., fotografia de Cecilia da folha “Lembrete I”; à dir., a transcrição feita pela autora.

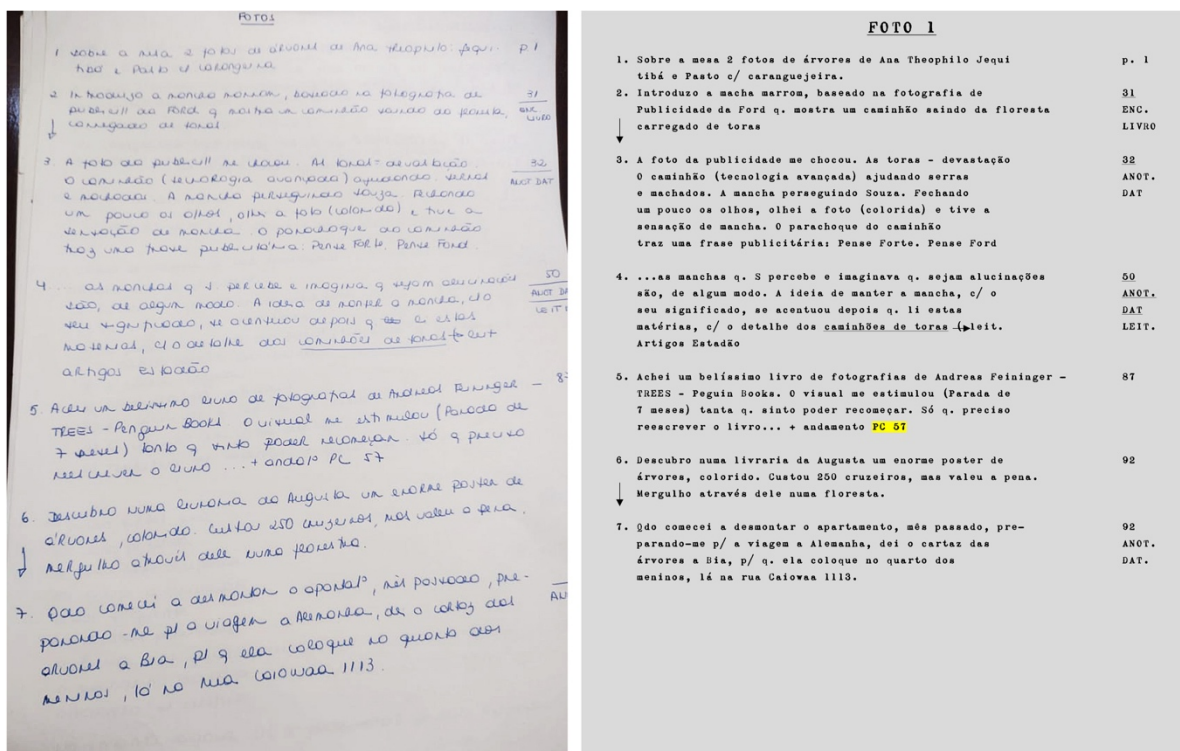


Fig. 7. À esq., fotografia de Cecilia da folha “Foto 1”; à dir., a transcrição feita pela autora.

Ao estabelecer relações entre as numerações dadas nas duas folhas, como o ponto 1 de “Lembrete I” (Fig. 6) e o 2 de “Foto 1” (Fig. 7), Cecilia menciona: “olha, não tinha visto isso... ele transforma aqui... É perfeito para a discussão sobre percepção”¹³. Aqui a pensadora faz referência ao seu flagrante da transformação da mancha “marrom e verde” para apenas “marrom” nos escritos de Loyola. Essa “mancha” diz respeito a uma fotografia de uma publicidade da Ford que aparece em várias anotações do escritor e que, aos poucos, vai ganhando materialidade verbal no livro.

Quando fazemos a relação do que foi explicitado acima com os contextos temáticos das folhas dados por Cecilia, notamos que essa ação transformadora da mancha envolve um movimento de lembrança do escritor que admite continuidade através do diálogo com outros conteúdos visuais – como os livros de fotografia – e da realização de experimentações perceptivas com o material – como a registrada na interligação entre os pontos 2 e 3 de “Foto 1”, quando ele fecha os olhos para observar a fotografia da Ford. A partir disso, é possível observar diferentes momentos de interação com a linguagem visual no sentido de novas ideias para a escrita do livro. O acréscimo disso com o ponto 5 de “Foto 1”, sobre o livro de fotografia ter estimulado o autor a voltar a escrever, Cecilia considera a possibilidade de expansão dos aspectos reunidos anteriormente para falar de PC (Processo Criativo) (Fig. 7) em Loyola – como o ritmo, as paradas, o bloqueio e outros mais. Como também, para discutir, de maneira geral, a importância do diálogo entre as diferentes linguagens na construção dos projetos poéticos.

13 Comentário de Cecilia durante o nosso exame síncrono das folhas por vídeo-conferência em 07 Set. 2023.

Considerações finais

Através desta introdução ao estudo sobre os documentos de criação da teórica, procuramos ressaltar a riqueza dos seus documentos processuais para questões que perpassam a produção conceitual. Por meio deles, revelamos o ambiente de articulação e reflexão da pensadora no percurso de síntese e generalização dos conceitos.

O exame das folhas de cópia criadas por ela destacou aspectos do seu trabalho incansável de escrita e leitura processual. Tratam elas mesmas de um ambiente de montagem, organização e relação reflexiva entre trechos selecionados no material de Loyola que vão caracterizar conceitos que ela levará adiante no seu percurso como teórica.

Espera-se que o caráter experimental deste estudo sobre os modos de explorar questões processuais na produção teórica iluminem os que buscam a investigação processual e admita continuidade através dos seus estudos. Sendo o tratamento analítico e a organização experimental dos documentos aqui oferecidos, um passo no sentido de valorização do arquivo do crítico de processo.

Referências

MANGUEIRA, CAMILA. **A criatividade do crítico de processo**: os bastidores da investigação processual. In *Arte em Tempos de Crise: Atas do Seminário Ibero-americano Poéticas da Criação*. Seminário Ibero-americano sobre o Processo de Criação nas Artes, Vitória, pp. 41-46, 2018.

SALLES, CECILIA. **Arquivos de criação**: arte e curadoria. Vinhedo: Editora Horizonte, 2010.

SALLES, CECILIA. **Da crítica genética à crítica de processo**: uma linha de pesquisa em expansão. In *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, n. 20/2, p. 41-52, Ago. 2017.

SALLES, CECILIA. **O Processo de criação de Não Verás País Nenhum**. In: *Revista Eletrônica de Estudos Literários*, Vitória, s. 1, a. 5, n. 5, 2009.

SALLES, CECILIA. **Uma Criação em Processo**: Ignácio de Loyola Brandão e “Não Verás País Nenhum”. 1990. 253 páginas. Tese (Doutorado em Ciências – Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1990. Disponível em <<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/13991>>.